



Matrizes

ISSN: 1982-2073

matrizes@usp.br

Universidade de São Paulo
Brasil

Morley, David

Classificações Mediadas: Representações de classe e cultura na televisão britânica contemporânea

Matrizes, vol. 3, núm. 2, enero-julio, 2010, pp. 11-34

Universidade de São Paulo

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143016767002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Class-ificações Mediadas: Representações de classe e cultura na televisão britânica contemporânea

Mediated class-ifications: Representations of class and culture in contemporary British television

■ DAVID MORLEY*

RESUMO

Este artigo se inicia com os recentes debates sobre a representação da vida da classe trabalhadora, especialmente a vida dos *pobres displicentes*, em programas de televisão-realidade no Reino Unido. Estas questões são contextualizadas em amplos e diversificados debates históricos sobre: a) a categoria de classe como um modo de determinação social (e como um modelo explicatório), b) as relações entre linguagem, classe e cultura na sociologia educacional e em publicações comunitárias e, c) em relação à clássica teorização marxista sobre a classe trabalhadora *respeitável* e o lumpemproletariado. O artigo finaliza com uma consideração sobre os debates da representação da classe trabalhadora na série dramática contemporânea da TV britânica, *Shameless*¹.

Palavras-chave: consciência de classe, cultura, linguagem, lumpemproletariado, televisão-realidade

* Professor no Departamento de Mídia e Comunicação no Goldsmiths College, University of London.

1. "Sem-vergonhas".

ABSTRACT

This article takes, as its point of departure, recent debates about the representation of working-class life, especially the lives of the *feckless poor*, on reality television in the UK. These issues are contextualized by reference to a set of wider-ranging historical debates about: a) the category of class as a mode of social determination (and as an explanatory model); b) the relations of language, class and culture in educational sociology and in community publishing; and, c) in relation to classical Marxism's theorization of both the *respectable* working class and the lumpen proletariat. The article concludes with a consideration of debates about the representation of the working class in the contemporary British TV drama series *Shameless*.

Keywords: class consciousness, culture, language, lumpen proletariat, reality television



Class-ificações Mediadas: Representações de classe e cultura na televisão britânica contemporânea

INTRODUÇÃO

NOS ÚLTIMOS ANOS, a terminologia de classe tem sido excluída da mídia e dos estudos culturais, em parte, ao que parece, em resposta às críticas pós-estruturalistas de “reducionismo” e “essencialismo” na utilização de categorias sociais como elementos explanatórios em análises culturais. No entanto, no Reino Unido, tem havido um engajamento contínuo por parte de uma pequena minoria de estudiosos acadêmicos com a questão de classe (Medhurst, 2000; Munt, 2000; Skeggs, 1997, 2004), e alguns trabalhos recentes focando a representação de classe na TV popular e na televisão-realidade (*reality TV*) estão agora voltando a discutir esse tema (Biressi e Nunn, 2005, 2008; Skeggs et al. 2008; Madeira e Skeggs, 2008). Eu pretendo utilizar essas últimas referências como um tema-chave na tentativa de relacionar os debates contemporâneos sobre a representação na televisão popular em um conjunto mais amplo de questões históricas e teóricas sobre classe, cultura, estilo de vida, linguagem e política.

O trocadilho no meu título, “class-ificação” aponta para duas direções. Em primeiro lugar, está relacionado ao que acontece quando um determinado conjunto de indivíduos é classificado, por outros, como “pertencendo” de alguma forma (tanto analiticamente ou valorativamente) a um grupo, como quando seus estilos de vida são classificados como patológicos. Em segundo lugar, está relacionado às consequências dos indivíduos quando se autocategorizam – ou, mesmo, falham ao (ou se recusam a) fazê-lo – como membros de uma classe em particular. Eu sempre tive uma relação ambivalente com o famoso argumento de Raymond Williams de que “não há massas, só maneiras de falar sobre as outras pessoas como massas”. Se substituirmos *classes* por *massas* nessa sentença, penso que muitas vezes existem boas razões para falar de pessoas como membros de classes. Isso é especialmente verdade porque, contrariamente às afirmações das teorias de Ulrich Beck de “individualização” (Beck e Beck-Gernsheim, 2002), as classes ainda são instituições sociais muito poderosas. Certamente, no Reino Unido, todas as evidências apontam para o fato de que as taxas de mobilidade intergeracionais estão, na melhor das hipóteses, estáveis, se não diminuindo. Assim, a posição da classe ao nascer ainda é um indicador muito poderoso do provável *status* social de uma pessoa na sua vida adulta.²

AUDIÊNCIA TELEVISIVA, CULTURAS DE CLASSE

TRABALHADORA E O CÃO (MARXISTA) QUE PAROU DE LATIR

Se os indivíduos da classe trabalhadora têm sido cada vez mais visíveis nas telas de televisão britânica nos últimos anos, isso aconteceu principalmente pelo gênero cada vez mais popular de televisão-realidade que os representa de

2. Sobre as estatísticas das baixas taxas de mobilidade social no Reino Unido, ver o trabalho de John Goldthorpe, professor emérito do Nuffield College, em Oxford, e professor visitante no Centre for Longitudinal Studies, no Institute of Education em Londres. Ver também os dados de Jo Blanden e Stephen Machin do Centre of Economic Performance na London School of Economics.

D

Classificações Mediadas: Representações de classe e cultura na televisão britânica contemporânea

5. Sobre isso, ver comentários de Charlotte Brunsdon sobre a dominância de paradigmas funcionalistas na análise da TR (2008: 131).

É claro que outras perspectivas críticas, incluindo algumas variedades do marxismo, também caem no funcionalismo. Apesar das suas importantes contribuições para a análise das complexas formas de determinação, desenvolvidas em *For Marx* (Althusser, 1972), esta análise foi reconhecida como um dos principais problemas dos trabalhos de Althusser, especialmente em seu ensaio crucial sobre o papel dos “aparatos ideológicos do Estado” (Althusser, 1972). Na verdade, os lapsos em relação ao funcionalismo simplista nesse mencionado ensaio deram a ele o apelido americanizado de *Al T. Husser* entre alguns de seus críticos. Foi precisamente por causa dessas falhas que, com a orientação de Stuart Hall, os trabalhos de estudos culturais no *Birmingham Centre for Contemporary Cultural Studies* se desviaram de Althusser e se direcionaram para as análises de hegemonia feitas por Gramsci, mais processual (e decididamente não-funcional), como sempre, provisional e contestada (Gramsci, 1974). Foi por isso que Hall depois argumentaria que a única forma útil de marxismo seria aquela “sem garantias”.

6. Para deixar evidentes os limites das minhas ambições aqui, devo enfatizar que este artigo não está preocupado com a TR em si, mas principalmente com a TR como um local ►

paralelos (e transposições) bastante incomuns entre os comentários de Marx sobre a “degeneração” patológica do lumpemproletariado e os discursos “disciplinares” criticando o estilo de vida “insalubre” dos “pobres indignos” na televisão contemporânea. Nesse sentido, também quero levantar algumas questões referentes às limitações das abordagens predominantemente foucaultianas (com foco em questões de *governamentalidade* e produção de formas específicas de subjetividade), que atualmente proporcionam o vocabulário da principal forma de crítica da TR. Muitas dessas críticas surgem dos influentes estudos de Nikolas Rose (1989) sobre governamentalidade e, portanto, focam o papel da TR em inculcar, entre seu público, uma forma peculiar de “subjetividade empreendedora” (idem). Aqui parecem existir dois problemas principais, sendo que ambos têm até agora, em grande parte, escapado da atenção da crítica.

O primeiro problema refere-se às limitações do funcionalismo embutido nesse tipo de terminologia foucaultiana.⁵ Em muitos aspectos, é difícil perceber a diferença entre um modelo que presume o sucesso automático de uma forma particular de *governamentalidade* na produção de um modo particular de subjetividade (*o eu empreendedor*) e as teorias há muito tempo desacreditadas de Talcott Parsons sobre os efeitos automáticos de “socialização” na reprodução de determinados tipos de indivíduos “requeridos” para o sucesso de um dado sistema social (Parsons, 1964). O mesmo problema também danifica as formas mais cruas das teorizações marxistas que assumem uma bem-sucedida imposição das ideologias dominantes. Não há espaço conceitual em nenhum desses modelos para qualquer autonomia de resposta (crítica ou não) por parte das pessoas que consomem (ou são *interpeladas* ou *sujeitas a*) esses discursos, cujos efeitos automáticos são simplesmente presumidos. O outro problema é que alguns comentadores contemporâneos parecem escrever como se imaginassem ser possível produzir alguma forma de discurso (sem juízo de valor?), que *não* tenta moldar a subjetividade de maneira alguma (ver Fish, 1989). Nessa medida, não é claro se esses críticos têm uma objeção utópica para a formação da subjetividade em si, ou para a produção da forma particular de subjetividade que parece ser cultivada pela TR.

TELEVISÃO-REALIDADE: A HISTÓRIA ATÉ AGORA...

A TR é claramente uma área vital de pesquisa se considerarmos que ela é cada vez mais importante na programação da televisão popular, e, se acreditarmos que uma das coisas que ela faz é melodramatizar todos os *destinos*, como uma questão de responsabilidade individual, ao mesmo tempo obscurecendo os fatores estruturais que ainda os determinam fortemente.⁶ Isto é especialmente verdade se queremos entender como os discursos econômicos neoliberais são



Classificações Mediadas: Representações de classe e cultura na televisão britânica contemporânea

de seu controle, os fatores estruturais (como classe) desaparecem (conferir Palmer, 2004). Após a identificação forense, feita por *especialistas*, das muitas falhas nos lares de classes trabalhadoras e seus estilos de vida, há uma grande quantidade de trabalho a ser feito sobre os órgãos competentes e as famílias, se procuramos conformidade nos padrões de classe média. Evidentemente, se supomos que a pobreza é simplesmente um resultado de *más escolhas*, algo que os indivíduos podem evitar ao serem *reciclados* por conselhos de especialistas e por *dicas úteis*, tudo o que resta é a implementação bem-sucedida da televisão como um novo meio de comunicação pedagógico de governamentalidade, que promulgaria um novo e apropriado imaginário cultural. Com essa iniciativa, os *maus cidadãos* serão identificados, envergonhados, e então reformados (ou, pelo menos, eles podem desempenhar uma função valiosa, provendo uma referência negativa contra a qual o *bom cidadão* pode então medir o seu sucesso; ver Biressi e Nunn, 2005, 2008).

OS NOVOS DECLÍNIOS DE CLASSE

Dessa maneira, somos informados que a TR oferece um conjunto *voyeurístico* de *espetáculos de vergonha*, envolvendo a exibição e a exposição das inadequações de pessoas *vulgares* e seus estilos de vida na forma de um gênero de entretenimento. Como Anita Biressi e Heather Nunn colocam, a questão aqui é “a que custo estas imagens são circuladas [neste] novo declínio de classe” (2008: 15), com foco sobre os corpos não saudáveis, gostos vulgares e estilos de vida disfuncionais dos *pobres indisciplinados*. Como adequadamente notam esses críticos, esse é um acervo de imagens que pode ser rastreado até a tradição histórica das representações feitas anteriormente por Hogarth das classes destituídas, e que também pode ser comparado a algumas das formas mais cruéis de representação cômica de pobres *displicentes/incompetentes*, tão popular na televisão britânica contemporânea.

Em todos esses casos, as diferenças de classe se manifestam em diversos modos. Portanto, a pesquisa de Beverley Skeggs, Helen Wood e Nancy Thumin aborda as diferenças de classe em um nível material e simbólico, tanto em relação ao aparelho de televisão como um objeto simbólico, como em relação aos discursos que este objeto articula. Neste momento poderia ser útil explorar ainda mais as perspectivas comparativas sobre em que medida essas diferenças de classe são (ou não são) replicadas em outras culturas. Para ter uma dimensão possível de comparação, um estudo sobre as atitudes da classe média em relação à televisão na Escandinávia (ver Alasuutari, 1999), mostra que também lá, os telespectadores frequentemente demonstram vergonha ao assistir um *mero entretenimento*, enquanto que o ato de assistir o noticiário nacional é



Class-ificações Mediadas: Representações de classe e cultura na televisão britânica contemporânea

mídia seriam vistas como automaticamente determinadas pela posição de classe dessa audiência (Althusser, 1972; Laclau, 1977 e Morley, 1992). O que antes precisa ser explorado é como a posição estrutural, através de uma escala de dimensões (incluindo, mas não se restringindo à classe), pode definir parâmetros para a aquisição de diferentes códigos culturais, cuja posse pode então flexionar o processo de decodificação em modos sistematicamente diferentes (ver Kim, 2004, para uma análise crítica de debates sobre classe e decodificação).

Em uma época em que ouvimos que a própria classe não é mais do que uma categoria “zumbi” (ver Beck, 2008), essas questões obviamente adquirem maior pertinência. Em minha opinião, o problema não é tanto a questão ontológica sobre a *existência* dessas classes, mas a questão de como uma categoria como classe pode ser posicionada em nossas análises – a que nível de abstração, para quais fins e em relação a quais teorias de causalidade. Claramente, *qualquer* categoria sociológica, seja de classe, gênero, *raça* ou etnia, pode ser implementada de um modo zumbi. Essa é a principal força da crítica pós-estruturalista do essencialismo: daí as importantes críticas feitas por acadêmicos como Ien Ang e Joke Hermes (1991) e Ramaswami Harindrath (2005) para o trabalho que fez um curto-circuito na tarefa analítica de diversas tentativas de explicar as respostas da audiência ao material de mídia, como se essas respostas fossem um resultado ligado ao fato de as pessoas serem *prisioneiras* de categorias raciais, étnicas ou de gênero (ver também Butler, 1990).

É neste contexto que devemos considerar a crítica de Harindrath a vários estudos atuais sobre audiência, por falharem em “oferecer explicações suficientemente complexas de *como* fatores socioculturais influenciam as expectativas do público” (2005: 3, ênfase nossa). Sua maior preocupação é como as categorias de *raça* e etnia têm sido implementadas em estudos de audiência. Em especial, ele critica o modo como, em seu estudo hoje considerado canônico das decodificações diferenciais da audiência de *Dallas*, Tamar, Liebes e Elihu Katz (1991) se basearam no que Harindrath chama de “concepção monolítica de etnia [...] constituída por *raça* [...] [a qual] determina as decodificações da audiência” (2005: 5). Como ele observa, essa abordagem “privilegiando as diferenças culturais como imutáveis [...] [e] como uma categoria essencial” faz colapsar o conceito de *raça* dentro de cultura e naturaliza as diferenças sociais, como se esses fatores tivessem um efeito automático de definição de identidade e comportamento.

Este é um modelo no qual, ao invés da etnia exibir algum grau de mutabilidade na vida social, é reduzida ao *status* de uma categoria fixa pseudobiológica de um *pertencimento* automático, com efeitos aparentemente inevitáveis. É claro que, em termos conceituais, tal abordagem compartilha todas as desvantagens



Classificações Mediadas: Representações de classe e cultura na televisão britânica contemporânea

teóricos contemporâneos da mídia, que estão relutantes em utilizar o conceito de classe como uma variável explanatória por medo de serem acusados de essencialismo, e os discursos da TR em si, que rotineiramente ignoram os fatores estruturais e apoiam-se em discursos de força de vontade *voluntaristas*, utilizando paixão e esforço como fatores determinantes do sucesso ou do fracasso individual.

2. Linguagem, classe e os debates sobre *privação cultural*

A segunda história que invocarei refere-se à ressonância contemporânea da obra de Basil Bernstein (1971) e Pierre Bourdieu (1984), que estudaram o papel da estrutura de classes, que distribui as formas de capital cultural, e de competência linguística de forma sistematicamente diferente e desigual. Apesar dos trabalhos de Bourdieu terem recebido bastante atenção no Reino Unido nos últimos anos (apesar das dificuldades de transposição dos seus resultados do contexto francês para o contexto britânico), os estudos de Bernstein têm sido bastante negligenciados, e são sobre estes trabalhos que desejo chamar a atenção aqui.

Para recapitular, o interesse de Bernstein era explicar o fracasso sistemático das crianças da classe trabalhadora nas escolas britânicas. Sua explicação, a grosso modo, foi que estas crianças não teriam as habilidades de raciocínio abstrato recompensados dentro do sistema educativo, e que isto estaria refletido na habilidade destas crianças para falar unicamente o que ele chamou de um código linguístico “restrito”, que só permitiria poderes limitados de abstração. Esta “falta” inicial, argumentou Bernstein, foi o resultado das formas de socialização mais autoritárias características em famílias da classe trabalhadora.

Como esperado, o trabalho de Bernstein foi rapidamente atacado por aqueles que acreditavam ser bastante inapropriado fazer juízos de valor sobre o mérito relativo dos sistemas de fala e as culturas que estes sistemas simbolizam, sem fazer referência à imbricação destes nas estruturas de poder. Estudiosos como Harold Rosen (1972) argumentaram que a abordagem de Bernstein foi baseada na pressuposição de algum tipo de *déficit cultural* da classe trabalhadora. Em um espírito semelhante, Nell Keddie (1973) salientou que o problema com qualquer teoria de “privação cultural” era que nenhum grupo pode ser privado da sua própria cultura. Desse ponto de vista, a cultura da classe trabalhadora (ou a cultura negra; ver Labov, 1973, 2006) foi mostrada como tão valiosa como a cultura da classe média. E o insucesso escolar por parte da classe trabalhadora ou de crianças negras foi explicado pela desconexão entre a cultura desses alunos e a cultura da classe média/branca predominante nas escolas que frequentavam.

D

Classificações Mediadas: Representações de classe e cultura na televisão britânica contemporânea

da classe trabalhadora e conseguindo que elas articulassem suas experiências, apesar dele possuir a indisfarçável voz e as maneiras de pessoas educadas em escola pública, sendo um ex-comandante de submarino como ele era. Esse fato poderia até sugerir que talvez, em termos metodológicos (e com certeza, políticos), contra as pressuposições do solipsismo cultural, mais importante que você ser de uma categoria social ou cultural diferente de seus entrevistados é como você vive essa diferença.

Por outro lado, permanece a dificuldade adicional de que, apesar da maioria do trabalho estimulado por organizações como a *Federation of Worker Writers and Community Publishers* ter sido extremamente valioso ao contar histórias de vidas anteriormente invisíveis e oferecer espaço para perspectivas culturais há muito tempo ignoradas (Morley e Worpole, 1986), ainda persiste um problema de configuração. De longe, a maneira mais fácil de conseguir que a classe trabalhadora articule sua experiência é na forma de autobiografia, que é por natureza uma forma de individualização e, portanto, descoletivização – ou talvez despolitização. Com isso em mente, o projeto *Centerprise* tomou cuidadosamente o título de *People's Autobiography of Hackney*, apesar de constituído por relatos pessoais.

É nesse contexto que talvez seja mais bem compreendido o estudo de Diana Adlam e Angie Salfeld (1980), em sua enérgica defesa de Bernstein contra seus críticos libertários. Simplificando, eles argumentam que, mesmo que a crítica de Rosen pudesse parecer politicamente atraente ao *defender* a cultura da classe trabalhadora, esta continua a encorajar uma forma que basicamente desabilita o relativismo cultural. Esse relativismo negaria o fato de que algumas formas de linguagem efetivamente permitem procedimentos conceituais mais complexos do que outros.

A crítica de Rosen ao trabalho de Bernstein pode ser mais bem compreendida na medida em que este último claramente falha ao expressar as muitas maneiras nas quais as competências linguísticas que as escolas estão preocupadas em desenvolver estão muitas vezes enredadas em formas culturais dominantes, que as tornam menos acessíveis aos filhos da classe trabalhadora (ou não-branca) (ver Labov, 1973, 2006). No entanto, uma defesa simplista da cultura da classe trabalhadora – por sua autenticidade, autonomia e espontaneidade – ainda convive com o problema de que esta cultura também possui limitações, não tanto de um ponto de vista político, mas de uma perspectiva educacional.

Em muitos aspectos, a posição de Bernstein pode ser vista como sustentada pela posição de Marx (ver Morley, 1974). Há certamente um paralelo entre o que Bernstein afirma sobre os limites do código linguístico restrito às classes



Classificações Mediadas: Representações de classe e cultura na televisão britânica contemporânea

questões *meramente* de estilo literário, pois, como Volosinov (1973) argumenta, são nas formas de linguagem que a consciência toma forma – e as limitações da linguagem implicam, desse modo, limitações de consciência –, seja de classe ou de qualquer outra dimensão estrutural da vida social.

Em seus últimos anos, Derrida fez afirmações bastante interessantes sobre as maneiras pelas quais a teoria social ocidental ainda é assombrada pelo fantasma do marxismo, apesar de seu repúdio generalizado após a queda da União Soviética (Derrida, 2006). No contexto desses comentários, utilizarei, por último, outro contexto histórico, desta vez sobre os paralelos (e disjunções) entre algumas das coisas muito críticas que Marx teria dito sobre os *antepassados* fantasmagóricos das pessoas que hoje assistimos na TR e sobre as terminologias pelas quais seus descendentes são ridicularizados por suas inadequações.

3. Maus cidadãos, os pobres indisciplinados e o lumpemproletariado

Em primeiro lugar, vale a pena observar que os critérios pelos quais Marx distingue a categoria *lumpen* da categoria *proletariado correto*¹⁴ são muito semelhantes aos utilizados na TR para fazer a distinção entre os pobres desregrados/indisciplinados e os membros *respeitáveis* da sociedade. Marx teria sido tão desdenhoso como a TR poderia ser em suas caracterizações das pessoas nesta categoria problemática – a *desprezível e irracional multidão* que deve ser estritamente diferenciada da categoria das *massas respeitáveis*. Ele descreve essas pessoas de variadas formas, como “o proletariado da favela [...], os elementos da população submersa, os degenerados, e os párias [...], a putrefação passiva das camadas mais baixas da antiga sociedade [...], o refugio humano de todas as classes [...], trapaceiros, vigaristas, carroceiros, vadios, apostadores, criminosos, prostitutas e impostores”. Portanto, é claro que para Marx, o termo lumpemproletariado é uma categoria moral ao invés de simplesmente uma categoria analítica ou econômica, e um pouco como ocorre com a TR, ele estava perfeitamente confortável em usar uma linguagem crítica para descrever o que considerava errado (e crucialmente para ele, politicamente incapacitante) em seu estilo de vida.¹⁵

Como várias pessoas já apontaram, os *bad guys* (e garotas) nesse cenário também nos parecem familiares pelos estereótipos em discursos como a caracterização da classe “destituída” feita por Charles Murray (desenvolvida inicialmente nos Estados Unidos e depois no Reino Unido; Murray, 1989). Quando eu estava navegando pela internet procurando material sobre essas questões, encontrei um site no qual um acadêmico americano tentava oferecer uma ajuda mnemônica visual para que seus alunos entendessem a diferença entre essas categorias. Uma das dicas que ele deu foi a seguinte: “se o proletariado é um

14. O autor usa o conhecido termo “*proper proletariat*”. Poderia ser traduzido também como “proletariado adequado” (NT).

15. Estas citações são extraídas de vários trechos das obras de Marx e Engels, *The Communist Manifesto*, 1848 (*O Manifesto Comunista*), *The Class Struggles in France, 1850 (A luta de classes na França)* e *The 18th Brumaire of Louis Bonaparte*, 1852 (*O 18 Brumário de Luis Bonaparte*). Uma definição útil do termo lumpemproletariado (sobre a qual me baseio aqui) pode ser encontrada no verbete de Gordon Marshall, no *Oxford Dictionary of Sociology* (1998). Outras definições úteis de uso marxista do termo podem ser encontradas online: www.wikipedia.org/wiki/lumpenproletariat e também em: www.encyclopedia.thefreedictionary.com e www.experiencefestival.com/a. Para ver uma crítica da perspectiva de Marx e Engels, consultar Bovenreck (1984).

D

Class-ificações Mediadas: Representações de classe e cultura na televisão britânica contemporânea

18. Conferir a obra *The Class Struggles in France 1848-1850* de Marx, em: www.marxists.org/archive/marx/works/1850.

19. Instituição semelhante a nossa Bolsa de Valores (NT).

20. Este ensaio foi escrito originalmente no verão de 2008, antes que a verdadeira extensão das dívidas de ativos tóxicos do capital financeiro europeu e americano fosse revelada. Olhando para esses comentários agora, o que poderia ter parecido um pouco abrasivo na época, posso afirmar, ao fazer uma retrospectiva, talvez fosse só chocante por sua brandura, sabendo agora como acabaram mal essas apostas de múltiplos bilhões de libras esterlinas. Evidentemente, subsequentemente ficou muito claro como teria sido acurada a analogia feita por alguns indivíduos entre a expansão do crédito imprudente da década de noventa e o *boom* espetacular dos investimentos do início do século XVIII, o caso da *South Sea bubble* (A Bolha do Mar do Sul). Ver os comentários feitos por Andy Dane do *Bank of England*, descrito por Ashley Seager em *Last 20 Years Were Like South Sea Bubble, Says Bank Official* (Os últimos 20 anos foram como a bolha do Mar do Sul, diz banqueiro), *Guardian*, 2 de julho, 2009.

a *degeneração* do lumpemproletariado aparece precisamente por sua posição *deslocada*, como um elemento de “população excedente”, sem nenhuma função econômica regular. Isso, segundo ele, é o que torna esses indivíduos suscetíveis a “agentes de corrupção”, e quanto mais ficarem fora do processo produtivo, mais provável é que acabem adotando atitudes “degeneradas”.

Na época de Marx, essa era uma categoria marginal e relativamente pequena de pessoas que ainda não tinham se ajustado ao novo sistema de produção industrial, mas tinham ainda esperança de um dia voltar a se reintroduzir no chamado proletariado correto. No entanto, depois do colapso das indústrias manufatureiras que costumavam oferecer trabalhos manuais para a maioria dos indivíduos pouco qualificados da classe trabalhadora, essa categoria de população excedente é cada vez mais frequente nas economias *avançadas* do Ocidente. Agora, ao invés de ser apenas uma categoria marginal, essa é a situação da grande maioria do que já foi um dia o dito proletariado *respeitável*.

Se essa transformação na escala da categoria dos indivíduos não-empregáveis constitui uma mudança fundamental nas circunstâncias que envolvem as classes mais baixas, existem também dificuldades a serem exploradas relativas às relações de classe e cultura e do potencial, em algumas circunstâncias, de surpreendentes modos de alianças entre classes (ver Laclau, 1977, sobre o peronismo). Do ponto de vista de Marx, o lumpemproletariado tem a peculiaridade de compartilhar algumas características com a categoria chamada de “capital financeiro”, e ele analisa várias situações nas quais essas categorias se tornariam aliados políticos (ver Hayes, 1988, 1992). Visivelmente, as duas categorias não compartilham interesses materiais em nenhum sentido, na verdade, o que as conecta é que são “improdutivas” em termos marxistas, na medida em que ambas estão localizadas *fora* do sistema de produção. E realmente em um momento, Marx fala do capital financeiro como o “renascimento do lumpemproletariado nos cumes da sociedade burguesa”.¹⁸

Essas correspondências têm um significado ainda maior. Não foram só os problemas do lumpemproletariado que se deslocaram das margens para o palco central no mundo contemporâneo. Se na época de Marx o capital financeiro era uma categoria meramente suplementar da produção manufatureira, hoje em dia vivemos em uma era da *financeirização* da economia mundial, onde o próprio capital financeiro fornece a principal forma de atividade econômica (especialmente no Reino Unido desde o *boom* no setor financeiro, uma consequência da desregulamentação no *City trading*¹⁹ na década de 1980). Contudo, é importante relembrar que por mais complexa que seja a estrutura dos *derivados financeiros* em que esses negócios comerciam, eles ainda são, no final, simplesmente uma forma *superior* de aposta.²⁰

D

Classificações Mediadas: Representações de classe e cultura na televisão britânica contemporânea

23. Entrevista disponível em: www.channel4.com/entertainment/tv/microsites/shameless.

Apesar das circunstâncias calamitosas em que vivem, a característica potencialmente redentora é a maneira pela qual, apesar de seus momentos de desconsideração e crueldade, esses indivíduos se unem por meio de ligações densas e estreitas, ligados por laços de sangue e de lealdade. Muitos aspectos da série recriam o ambiente das experiências da própria infância de Abbott em uma vizinhança similar, *Bury*, na qual, como ele mesmo disse em uma entrevista, “o caos era a norma”, ao lado da pobreza e da criminalidade, em uma vida caracterizada por “pais ausentes, gravidez na adolescência, falta de rendimentos legítimos, e cercados pela expectativa de sentenças penais”. Hoje, Abbott percebe que a situação só era tolerável pelo simples fato de que “nós não tínhamos nenhuma ideia de que as coisas poderiam ou deveriam ser um pouco melhores”.²³

Como Jennings (2008) observa, a série se recusa a centrar a sua narrativa em torno de problemas ou questões supostamente objetivas, ao invés disso o foco é sobre “a determinação da família para sobreviver em conjunto e poder manter um sentido (ou uma ilusão) de ação e esperança”. Abbott afirmou que ele “aderiu ao título da série por sua ironia, porque era exatamente o tipo de acusação que as pessoas de fora teriam feito à minha família no período dos anos setenta” (entrevista com Paul Abbott no jornal *Independent*, 20 de dezembro de 2005).

Shameless foi descrita por um crítico como “a série que o bom gosto esqueceu” e pelo seu ator principal, David Threlfall, como “os *Simpsons* sob efeito de ácido lisérgico” (*Independent*, 20 de dezembro de 2005). É um programa desconfortável de assistir, fazendo uma guinada deliberada entre os gêneros drama e *sitcom*, misturando melodrama e excesso com os aspectos mais sombrios do realismo social (Nelson, 2007: 45-48) e, ao mesmo tempo, tentando ser, nas palavras do próprio Abbott, “desconcertante e engraçada ao mesmo tempo” (entrevista com Stuart Jeffries, *Guardian*, 7 de fevereiro de 2005). A série também é feita de tal forma que a torna particularmente desconfortável aos telespectadores respeitáveis da classe média, envolvendo-os na vida de pessoas que eles nunca encontrariam em seus próprios bairros, desafiando as suposições convencionais sobre o que constitui a normalidade e a moralidade. Para Threlfall, seu propósito é muito sério e ele o descreve como “o perfeito drama da contração de crédito [...] que retrata uma família que é o epítome de como você contorna tempos difíceis” (*Sunday Telegraph*, 25 de janeiro de 2009).

24. O autor usa os termos “*gutter surrealism*” e “*comic mayhem*” (NT).

Muitos dos aspectos formais da série acima mencionada têm recebido elogios, assim como as suas ambiciosas tentativas de misturar regras genéricas em um modo de apresentação que gira entre o *surrealismo sarjeta*, violência de história em quadrinhos²⁴ e humor negro (Jennings, 2008; Nelson, 2007). Esta originalidade formal significa que muitas vezes a série confunde as expectativas

D

Classificações Mediadas: Representações de classe e cultura na televisão britânica contemporânea

concepção, pelo menos, merece grande crédito por nos encorajar a pensar em formas mais complexas sobre a representação de classe na televisão. Não menos importante tem sido o fato de forçar uma representação convincente nas telas das televisões do Reino Unido de como é a vida de muitos que ainda sofrem, apesar de que bastante invisível aos olhos do público, a totalidade das consequências do que agora são trinta anos de hegemonia thatcherista, apesar de todas as mudanças nominais de governo.

Ao tentar navegar através dessas águas agitadas, é evidente que devemos desenvolver modelos mais incisivos de análise da representação feita pela televisão de grupos vulneráveis, sem poder ou influência social. Como sempre, se quisermos oferecer críticas dessas representações que supomos inadequadas, então também compete a nós – por mais difícil que seja – explicitar o que exatamente consideramos como uma boa forma de representação (ou pelo menos uma melhor) e esclarecer as bases nas quais fundamentamos nossas reivindicações. Evidentemente, isso vai nos levar para águas profundas, nas quais não chegaremos facilmente a um acordo em nossa tentativa de ir além da crítica limitada à especificação dos critérios para julgar essas complexas questões filosóficas e epistemológicas. Apesar disso, são questões das quais não podemos nos dar ao luxo de evitar se queremos ser capazes de observar não só como os debates contemporâneos sobre a TR se ajustam nas perspectivas históricas de longo prazo sobre a representação de classe, mas também como intervir eficazmente nesses debates. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADLAM, Diane e SALFIELD, Angie. The Diversion of Language: A Critical Assessment of the Concept of Linguistic Diversity, *Screen Education*, 34, pp. 71-86, 1980.
- ALASUUTARI, Pertti (ed.). *Rethinking the Media Audience*. Londres: Sage, 1999.
- ALTHUSSER, Louis. *For Marx*. Harmondsworth: Penguin, 1971.
- . Ideology and Ideological State Apparatuses. In: *Lenin and Philosophy*. Londres: New Left Books, pp. 127-86, 1972.
- ANG, Ien e HERMES, Joke. Gender and/in Media Consumption. In CURRAN, James e GUREVITCH, Michael (eds). *Mass Media and Society*. Londres: Edward Arnold, pp. 307-28, 1991.
- BALEN, Malcolm. *A Very English Deceit: The Secret History of the South Sea Bubble and the First Great Financial Scandal*. Londres: Fourth Estate, 2002.
- BAUMANN, Gerd. *Contesting Culture: Discourses of Identity in Multi-ethnic London*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- BECK, Ulrich. *World at Risk*. Cambridge: Polity Press, 2008.



Class-ificações Mediadas: Representações de classe e cultura na televisão britânica contemporânea

- HARINDRANATH, Ramaswami. Ethnicity and Cultural Difference: Some Thematic and Political Issues on Global Audience Research. In: *Particip@tions*. 2(2), 2005. Disponível em: [www.participations.org/volume 202/issue 202/2_02_harindranath.htm](http://www.participations.org/volume%202/issue%202/2_02_harindranath.htm). Acesso em 1 de setembro 2009.
- HAYES, Peter. Utopia and the Lumpenproletariat: Marx's Reasoning in the 18th Brumaire. *Review of Politics* 50(3), pp. 445-65, 1988.
- _____. *The People and the Mob*. Londres: Praeger, 1992.
- HAYWARD, Keith e YARD, Majid. The "Chav" Phenomenon: Consumption, Media and the Construction of a New Underclass. In: *Crime, Media and Culture*, 2(1), 9-28, 2006.
- JENNINGS, Tom. *Shameless* by Paul Abbott: Television Review, 2008. Disponível em: <http://libcom.org/library/shameless-paul-abbott-series-1-2-channel-420034-television>. Acesso em: 8 de agosto, 2008.
- KEDDIE, Nell. (ed.). *Tinker, Tailor: The Myth of Cultural Deprivation*. Harmondsworth: Penguin, 1973.
- KELLMAN, James. *Kieron Smith, Boy*. Londres: Hamish Hamilton, 2008.
- KIM, Sujeong. Re-reading David Morley's "The Nationwide Audience". *Cultural Studies* 18(1), pp. 84-108, 2004.
- LABOV, William. The Logic of Non-standard English. In: KEDDIE, Nell. (ed.). *Tinker, Tailor: The Myth of Cultural Deprivation*. Harmondsworth: Penguin. pp. 21-67, 1973.
- _____. *The Social Stratification of English in New York City*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- LACLAU, Ernesto. *Politics and Ideology*. Londres: New Left Books, 1977.
- LEAL, Ondina F. Popular Taste and Erudite Repertoire: The Place and Space of TV in Brazil. *Cultural Studies* 4(1), pp. 19-29, 1990.
- LIEBES, Tamar e KATZ, Elihu. *The Export of Meaning*. Oxford: Oxford University Press, 1991.
- MEDHURST, Andy. If Anywhere: Class Identifications and Cultural Studies Academics. In MUNT, Sally (ed.). *Cultural Studies and the Working Class*. Londres: Cassell, pp.19-35, 2000.
- _____. *A National Joke*. London: Routledge, 2007.
- MORIN, Edgar e ROUCH, Jean. *Chronique D'un Ete*. Paris: Inter Spectacles, 1960.
- MORLEY, David. *Reconceptualising the Media Audience*. CCCS, University of Birmingham, Occasional Paper, 1974.
- _____. *Television, Audiences and Cultural Studies*. Londres: Routledge, 1992.
- _____ e WORPOLE, Ken. (eds). *The Republic of Letters: Working Class Writing and Local Publishing*. London: Comedia, 1982. (Uma segunda edição será lançada em 2010).

D

Class-ificações Mediadas: Representações de classe e cultura na televisão britânica contemporânea

WOOD, Hellen e SKEGGS, Bev. Spectacular Morality: Reality TV, Individualisation and the Re-making of the Working Class. In: D. HESMONDHALGH, David e TOYNBEE, Jason (eds). *The Media and Social Theory*. Londres: Routledge, pp. 177-91, 2008.

WORPOLE, Ken. *Dockers and Detectives* (2da ed.). Nottingham: Five Leaves Publications, 2008.

ARTIGO TRADUZIDO DO INGLÊS POR SILVIA COBELO

Artigo recebido em 4 de março e aprovado em 24 de março de 2010.